



A comparação é inevitável: de maio a setembro, com dias quentes, noites frias e baixa umidade relativa do ar, Brasília lembra as áreas mais secas do mundo

Que nem deserto

Se levada em conta apenas a umidade relativa do ar, o Distrito Federal é mais seco do que o Atacama e o Saara. E a tendência, segundo especialistas, é piorar

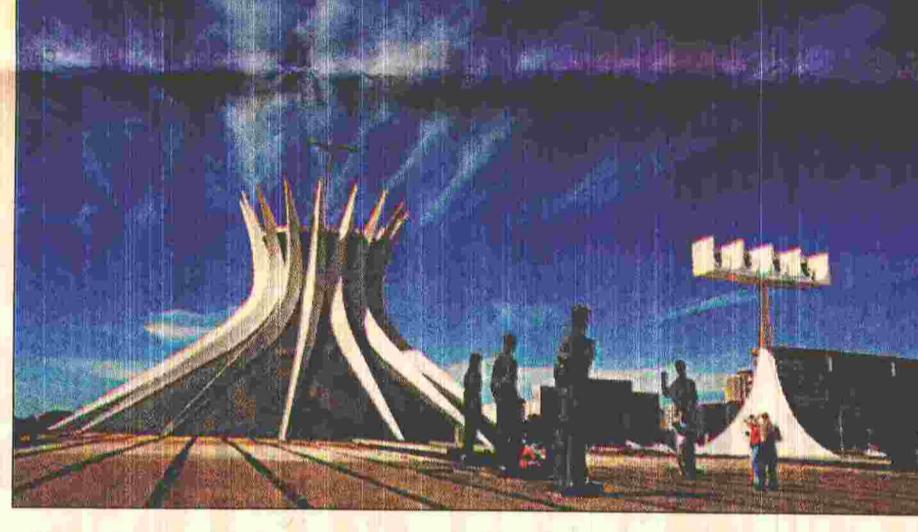
Ana Helena Paixão

Quem conhece Brasília na época da seca estranha a combinação calor-frio, em determinadas horas do dia, e especialmente a baixa umidade do ar. No entanto, esse fenômeno não acontece só na capital federal. Ao contrário. Seja pela composição vegetal ou pela variação climática, há várias regiões do Brasil e do mundo com característica semelhante. A diferença, que pode amenizar ou intensificar os efeitos da seca sobre os vegetais, animais e os habitantes de determinada região, depende também do relevo, hidrografia e altitude do local.

"A seca ocorre em toda região de cerrado. Também há seca em Goiânia, por exemplo. Só que, antigamente, a região correspondia à Mata Calcárea. Portanto, a umidade em Goiânia é maior. Além disso, a cidade é mais baixa, em relação ao nível do mar, do que Brasília", explica o botânico da Reserva Ecológica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Tarciso Filgueiras, que é especialista em cerrado. "O que vemos é que, quanto maior a altitude de uma cidade, ela se torna mais fria e menos úmida", completa.

Assim, a seca em Alto Paraíso e no povoado de São Jorge (ambos na Chapada dos Veadeiros, Goiás) é quase tão intensa quanto no Distrito Federal. "Estas cidades são mais altas do que Brasília e estão literalmente no meio do cerrado. A seu favor, apenas o fato de serem menos populosas e pavimentadas, amenizando a situação ecológica local. O excesso de asfalto intensifica a seca porque retém calor e não permite a absorção da água pelo solo", ressalta o botânico.

O cerrado ocupa ¼ do território brasileiro, estando distribuído, principalmente, pelo Planalto Central, nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, parte de Minas Gerais, Bahia e Distrito Federal. Trata-se de um ecossistema tropical de savana,



A estiagem produz verdadeiros cartões-postais da cidade. Nem tudo é tão ruim assim

Em defesa do cerrado

O clima adverso do Planalto Central foi uma das grandes preocupações dos construtores de Brasília, no final dos anos 50. Afinal, como dominar uma natureza estranha e um clima hostil? Além de providenciar a construção do Lago Paranoá, os pioneiros decidiram introduzir outros tipos de vegetação no cerrado. "Naquela época nada se sabia sobre o cerrado. Eram poucas as pesquisas sobre flora regional. Considerava-se o cerrado uma vegetação pobre, feia e inútil", conta a diretora do Jardim Botânico de Brasília, Ana Júlia Heringer Salles. "Hoje sabemos que muitos dos programas de retirada e substituição do cerrado por outro tipo de vegetação foram, sem dúvida, equivocados. Mas, a partir desses erros, as instituições tomaram consciência e pesquisaram o cerrado."

Ana Júlia fala com conhecimento de causa. Seu pai, o engenheiro agrônomo e botânico Ezequias Heringer, foi o responsável pela introdução de várias espécies exóticas na nova capital. Heringer foi o terceiro botânico, em todo o mundo, a estudar o cerrado. "Foi ele quem introduziu muitas das plantas e árvores que temos em Brasília hoje", reitera Ana Júlia. Ela recorda-se dos caminhões que saíram da cidade onde morava em 1958, Paraopeba (MG), carregados de eucaliptos a caminho da nova capital. "O eucalipto chegou ao Brasil em 1950 e era muito resistente. Logo, pensou-se que ele era ideal para crescer e habitar o Distrito Federal", conta.

Também de Minas Gerais e de São Paulo vieram os carregamentos de grama batatais, que têm sua origem na Argentina e no Rio Grande do

Sul. Cultivada em todo o Brasil, essa gramínea se adapta e sobrevive bem no cerrado. "Precisa aguar para ficar bonita e verde. Mas ela pode ser pisoteada, ficar feia, marrom de poeira que não morre. É a grama mais grossa que temos. Cobre toda a Esplanada dos Ministérios", completa o botânico Tarciso Filgueiras.

Misturada às primeiras remessas de grama batatais, no entanto, chegaram ao Distrito Federal sementes invasoras, que logo se espalharam por todo o cerrado: carapicho, picão e dente-de-leão. Ezequias Heringer trouxe mogno, pau-brasil, pau-bolsa, chichá, angico, aroeira, sibipiruna (cujas flores amarelas foram o chão dos estacionamentos do Plano Piloto) e também a polêmica espatodea – árvore de origem africana, mais conhecida como xixi-de-macaco, que se adaptou incrivelmente bem ao cerrado. Bem até demais, na opinião dos botânicos.

"Foi um equívoco ecológico. A abelha araruá, que mais poliniza as plantas do cerrado, fica presa nas flores dessa árvore quando tenta colher néctar e pólen. Há uma grande mortandade desse tipo de abelha, o que, futuramente, pode provocar desequilíbrio ecológico e prejudicar a diversidade do cerrado", pondera Filgueiras. Ana Júlia Heringer também não concorda com a introdução da espatodea no cerrado, mas sua crítica é mais amena. "Foi uma loucura. Equívoco não porque ele (Ezequias) tentava dar condições agradáveis à cidade, e se hoje há pesquisa sobre o cerrado isso se deve, em grande parte, ao seu pioneirismo."

com similares na África e na Austrália – que também têm sérios problemas com a seca. "Os grandes parques nacionais da África estão no Quênia, onde, anualmente, manadas inteiras de animais morrem em decorrência da estiagem", comenta Tarciso Filgueiras.

"O fato de algumas regiões, como Brasília, não terem lagos naturais de grandes extensões intensifica os efeitos da seca", acrescenta o meteorologista Luiz Cavalcanti, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). A ausência também de grandes rios é o cerne da seca na Austrália, em Moçambique, Angola e no Quênia. De acordo com Cavalcanti, todos os locais de cerrado/savana só possuem duas estações bem definidas. "Não existe primavera, verão, outono e inverno. Apenas chuva e seca."

Controvérsia

O Inmet e alguns especialistas negam que Brasília esteja, lentamente, transformando-se num imenso deserto e descartam a semelhança da capital com regiões desérticas. Mas há controvérsias. "Pelos nossos levantamentos, considerando o histórico da seca no DF nos últimos 30 anos, esse fenômeno se intensifica, piora a cada ano. Estamos caminhando para um processo de desertificação, que não deve ser minimizado", comenta o tenente Wender Costa, assessor militar da Defesa Civil. "Se compararmos apenas a umidade relativa do ar, o Distrito Federal é mais seco do que os desertos de Atacama e do Saara. E a tendência é piorar", ressalta.

Sob a coordenação da Subsecretaria de Defesa Civil do DF, vários órgãos locais estão preparamo o Plano de Proteção Civil para o Período da Seca do DF. Trata-se de um planejamento que visa integrar várias áreas, como saúde, educação e segurança, para combater as causas da seca e diminuir suas consequências.

O assessor exemplifica a utilização do Plano de Proteção Civil. Uma vez identificados os possíveis focos de incêndio durante a seca, entidades de proteção ambiental e órgãos de segurança, como o Corpo de Bombeiros, serão alertados para trabalhar na prevenção e no combate. À medida que a umidade relativa do ar for caindo, as diversas secretarias serão acionadas para providenciar medicamentos e atendimento médico à população mais vulnerável (crianças e idosos), bem como alterar os horários de prática de atividades desportivas para o início da manhã e final da tarde. "Há outros pontos. Vamos discutir isso tudo com a comunidade e entidades governamentais num workshop no próximo dia 8 de junho. Mas a ideia é evitar agravos, já que não podemos impedir que a seca ocorra", encerra o representante da Defesa Civil.